REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 840

30 DE ABRIL DE 1902

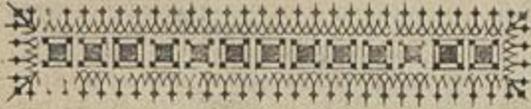
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

PASTOR

EXPEDIÇAO AO BARUÉ — O CAPITÃO JOÃO DE AZEVEDO COUTINHO, COMMANDANTE DA EXPEDIÇÃO

CHRONICA OCCIDENTAL

Terminou na camara dos deputados a discussão sobre o convenio, na qual tomaram parte os mais afamados oradores de todos os partidos. Raros deputados faltaram a presencear a discussão, encheram-se as galerias todas as manhãs, tanto a questão a todos interessava.

Pudera!... Se é questão magna! Se se trata de dinheiro, ideal commum!

E rolam as cifras e accumulam-se e multiplicam-se ante os ouvidos deslumbrados. Dobram todos o pavilhão das orelhas para melhor ouvir. Quantias fabulosas apparecem ás vezes na discussão precedidas do adverbio *apenas*: — Apenas mil contos!... E' um deslumbramento!

— Que fortuna! exclamam alguns, d'olho esbogalhado, como se assistissem ao final d'uma magica.

— É a miseria! dizem soturnamente os deputados da opposição.

Vão fechar em breve as camaras. Falta discutir na dos pares o convenio. Voltarão a falar os srs. Hintze, Mattoso dos Santos e João Arroyo, que em boa hora transitou d'uma casa para a outra.

E no meio d'esta gravissima questão, o sr. Hintze Ribeiro, presidente do conselho, sentou-se na sua cadeira, presidindo á sessão de 2.ª classe na Academia Real das Sciencias, onde se discutiu como e quando se havia de solemnisar a fundação do theatro portuguez.

Por umas horas se esqueceu de politica e soube-lhe bem com certeza, deixando o assumpto milhões, ouvir falar d'outras preciosidades, que se chamam *Mofina Mendes, Auto da Alma, As Barcas, Auto da Feira.*

Da grande obra de Gil Vicente mais alguma perola vai agora tornar-se conhecida do publico, que já, com tamanho enthusiasmo, no theatro de D. Maria, applaudiu o *Auto Pastoril Portuguez*.

Com mais algum interesse agora se falou do fundador do nosso theatro, quando foi sabida a iniciativa do Conselho de Arte Dramatica para commemorar o quarto centenario da representação de sua primeira obra.

Convidada a Academia Real das Siencias para tomar a parte que lhe competia na celebração projectada, foi discutida a data em que devia solemnisar-se a fundação do theatro portuguez e isso deu motivo aos pareceres dos srs. José de Sousa Monteiro, Urbano de Castro e Lopes de Mendonça.

Era em castelhano o monologo do *Vaqueiro* ou da *Visitação*, como outros lhe chamam; para celebração d'aquella data devia escolher-se uma das principaes obras escriptas em portuguez affirmava o sr. Sousa Monteiro em seu erudito parecer. Respondeu-lhe o sr. Urbano de Castro no Conselho de Arte Dramatica, sustentou essa proposta o sr. Lopes de Mendonça, em sessão da Academia Real das Sciencias.

O centenario celebrar-se-ha em junho d'este anno, como fôra proposto. A primeira obra de Gil Vicente será commemorada em pelo menos dois theatros de Lisboa e em sessão solemne no Conservatorio Real.

Consta-nos que no theatro de D. Maria será representado o *Auto da Alma*, de que tão bello estudo fez o Visconde d'Ouguella e uma adaptação feita pelo sr. Marcellino Mesquita á esplendida farça *Inez Pereira*, aquella que Gil Vicente fez sobre o motivo: Antes asno que me leve que cavallo que me derrube. Foi o celebre despique tomado por Gil Vicente contra os que o accusavam de não fazer obra original.

Seria interessante reconstituir o scenario do monologo do Vaqueiro, recitado pelo proprio Gil Vicente á Rainha mãe de D. João III na segunda noite do nascimento d'este principe.

Tres rainhas assistiram a essa representação, embora uma d'ellas não usasse do titulo que os cortezãos lhe davam, e que era a infanta, mãe d'El-rei D. Manuel. Perante aquelle publico, nos paços da Ribeira, se estreou o grande poeta comico. Não ha data mais gloriosa para o theatro portuguez,

E' um dever festejal-a, dizer, mostrar a quantos o não conhecem que genio era o de Gil Vicente, poeta comico e lyrico ao mesmo tempo, tragico algumas vezes, satyrico como poucos ou nenhum mais houve em Portugal.

Muitos jornaes se teem occupado n'estes ultimos dias da obra do poeta e ainda ultimamente *A Provincia* publicou, em artigo de fundo, a seu respeito, as criticas de alguns dos nossos mais illustres homens de letras.

Assim nos iremos, pouco a pouco, livrando da vergonha em que viviamos de vermos Portugal ignorante da existencia d'um poeta seu, de quem os criticos de todo o mundo tanto se occuparam.

Vai breve em Paris representar-se o *Auto do Viuvo*. Só por um acaso nos não foram os francezes na deanteira.

Diz-se que tambem será no mesmo theatro representado o *Frei Luiz de Souza*.

Conhecerão então os parisienses do velho theatro portuguez e do moderno o que temos melhor.

Garrett e Gil Vicente, felizmente para a arte portugueza, ha quem procure dar-lhes nova vida, fazel-os resurgir d'um esquecimento ingrato que tanto era vergonha para o nosso sentimento como para a nossa intelligencia.

A Sociedade, ha pouco fundada com o fim de prestar a Almeida Garrett as homenagens que merece, não tem descançado depois da sua primeira sessão na Sociedade de Geographia. Foram agora os estudantes de Coimbra que vieram coadjuval-a com uma recita em S. Carlos, destinada a augmentar os fundos com que ha de erguer-se a estatua ao maior poeta portuguez do seculo que findou.

Foi uma recita alegre como são sempre aquellas que os rapazes promovem, que elles ensaiam, que elles representam. Foi a repetição entre nós da peça representada em Coimbra este anno pelos quintanistas. O que são esses espectaculos sabem-o todos.

Alegrias! Como é bom falar de alegrias!

No mesmo domingo em que os estudantes representaram em S. Carlos, andou pela manhã correndo algumas ruas de Lisboa Nosso Pae aos entrevados.

Foi tambem visitar as entrevadas do Aljube. Pois que são as pobres criaturas, mettidas dentro d'aquellas grades?

Lemos em alguns jornaes a descripção da ceri monia, e a alegria das pobres mulheres por umas palavras carinhosas que ouviram, um jantarinho melhor que lhes deram.

Tristezas.

Estamos quasi em maio e o tempo mais nos quer falar em melancolias do que lembrar o calendario.

Ha dois dias ainda choveu torrencialmente com vento frio, como se estivessemos em janeiro.

E lê a gente os jornaes e todos nos falam de toiradas, e de feira de Belem, e de gente que parte ou vai partir por esse paiz fóra ou para além das fronteiras. As camaras por emquanto abertas, a porta da Havaneza, a mesa redonda dos hoteis, tudo continua a dar-nos uma impressão de inverno.

Que abril foi este que passou? Que é do lindo abril, todo flores e perfumes, tão decantado pelos poetas?

Maio nos vingue, e ao primeiro chapéo de verão, que formoso fique n'uns cabellos loiros ou de azeviche, o sol saude com seus raios mais vividos, de que tanto andamos esquecidos.

Não tardará.

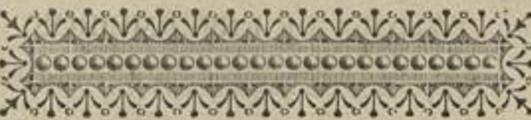
Então as queixas hão de ser outras; havemos de achar, como sempre, que o verão é excepcional; havemos de ter saudades dos temporaes de abril. Agora queixosos de tanta politica, de tanto discurso, de tanto artigo de fundo, havemos de aborrecer a semsaboria e ouvir aos politicões aborrecidos: — Quem nos déra as camaras abertas!

É como quem na insomnia passa as noites ás voltas na cama: — Do outro lado sempre me parece que estava melhor.

Afinal para a maior parte da gente verão ou inverno vem a dar na mesma. Chapéo de palha ou chapéo de côco, bota branca ou galocha de borracha. Uma historieta de quando em quando...

E a proposito. Dizia no outro dia, n'um carro electrico, o nosso amigo que já conhecem:

— Pois, srs., desde que ha electricidade, andamos todos a vapor.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

A EXPEDIÇÃO AO BARUÉ

No dia 19 do corrente mais uma expedição militar partiu para a Africa Oriental, afim de fazer respeitar a nossa bandeira, submettendo o regulo do Barué, que impunemente até agora tem zombado da soberania portugueza. Acompanham esse punhado de valentes os nossos votos mais sinceros, desejando-lhes alcancem feliz exito, e que regressem á patria coroados de gloria e satisfeitos por terem cumprido nobremente a sua heroica missão.

A região do Barué acha-se comprehendida nos territorios que pertencem á concessão da Companhia de Moçambique. Por isso se hesitou um tanto em organisar esta expedição. Pelo n.º 4 do artigo 2.º da carta organica da Companhia, de 1897, ficou reservado para o governo o direito exclusivo da defeza dos territorios confiados á administração da companhia, de estacionar ou de fazer transitar por elles as suas forças, de guarnecer com ellas todos os pontos da fronteira e de realisar as operações militares que julgar necessarias dentro dos mesmos territorios ou na fronteira

Pelo artigo 5.º da mesma carta, em caso de guerra interna ou externa nos territorios acima indicados, a Companhia é obrigada a pôr á disposição do governo os mantimentos, munições, armamento e material de guerra, que possuir, meios de transporte terrestre, fluvial ou maritimo, devendo o governo indennisal-a unicamente do valor dos fornecimentos, que, em seu serviço, forem despendidos ou inutilisados.

Tambem n'este caso ficarão ás ordens do governo todas as forças policiaes da companhia e as que ella puder recrutar, pagando-lhe o governo o excesso da despeza feita com o levantamento e manutenção de taes forças.

Não tendo a Companhia querido organisar nem custear a expedição, nos termos acima, porque as despezas seriam incomportaveis pela sua situação financeira actual, as relações entre a companhia e o governo tornaram-se tensas, parecendo que se interromperiam.

Organisou-se pois uma expedição, commandada pelo illustre official da armada sr. João de Azevedo Coutinho, acertadamente escolhido pela sua larga e brilhante folha de serviços prestados ao paiz. Nascido a 3 de fevereiro de 1865 conta hoje trinta e sete annos de idade, e possue as seguintes condecorações: official da Torre e Espada, cavalleiro de Christo, medalha de ouro nos serviços no Ultramar, medalha de ouro de valor militar, medalha de prata de comportamento exemplar, cavalleiro de Aviz, medalha de prata commemorativa da expedição aos Namarraes em 1896, commendador da Torre e Espada, medalha de ouro de valor militar pelos serviços que prestou na campanha contra o Gabuemba em 1897 e official honorario de sua magestade el-rei.

Sob seu commando teve os hiates *Tungue* e *Lurio*, lancha-canhoneira *Chorim*, vapor *Auxiliar*, esquadrilha do Zambeze, transporte *Salvador Corrêa* e a canhoneira *Liberal*, e tambem dirigiu a columna de operações de Maganja da Costa. Governou já a Zambezia, para onde volta agora por ter sido nomeado governador d'aquella provincia.

Para a expedição ao Barué parece que o sr. Azevedo Coutinho encorporará tambem os regulares, antigos cypaes de João Martins e naturalmente os Angones e da Maganja da Costa, levando ainda, quanto possivel, outros auxiliares. Os officiaes e mais individuos que seguiram no dia 19, a bordo do vapor allemão *General*, afim de fazerem parte da columna de operações, são os seguintes:

Artilharia: capitão o sr. João Mascarenhas Manuel de Mendonça Gaivão, como chefe do estado-maior da columna de operações; tenente o sr Antonio Martins d'Andrade Vellez, como chefe dos serviços administrativos; cavallaria: alferes o sr. José de Figueiredo Zuzarte Mascarenhas, como ajudante do commandante da columna; artilharia tenente o sr. Alfredo Baptista Coelho, como commandante da bateria de artilharia: tenente-almoxarife, o sr Francisco Gonçalves, como encarregado do material de guerra; quadro da guarnição de Moçambique: tenente o sr. José da Silva Pimenta para fazer parte d'uma das companhias d'infantaria; commissario de 3.ª classe da armada, o sr. Francisco da Silva Junior, como encarregado dos serviços administrativos, medico naval o sr. Manoel João da Silveira, como encarregado do serviço sanitario: o sr. Raphael Bivar Pinto Lopes, como commandante das forças de 2.ª linha; o sr. João Soares Vida. como chefe dos carregadores.

Os tres primeiros officiaes seguiram com destino a Lourenço Marques, e os ultimos a Quelimane, devendo mais tarde reunir-se, depois de assumir a posse do governo da provincia da Zambezia o respectivo governador.

Ficaram para seguir no paquete de 2 de proximo mez de maio, em consequencia do *General* não comportar mais passageiros de 1.ª classe, os

seguintes officiaes; tenente de cavallaria o sr. Alfredo Pereira Martins de Lima, commandante da columna de cavallaria; o sr. José Narciso Ferreira de Passos e alferes o sr. Antonio de Mello Pinto de Gusmão Calheiros, como subalternos da referida columna.

Quasi todos os officiaes acima indicados são dos que teem mais serviços em Africa e portanto bastante conhecedores dos segredos das campanhas africanas, pelo que devem auxiliar muitissimo o commandante da expedição e dar ás operações a necessaria efficacia.

COMPANHIA LYRICA DO COLYSEU DOS RECREIOS

Mais uma vez, tentou o arrojado emprezario Antonio Santos organisar uma companhia de opera, a preços modicos afim de que aquelles que não poderam gosar esses espectaculos, no nosso primeiro theatro lyrico, visto os preços serem pouco convidativos, tenham occasião de apreciar quanto de bello existe na musica.

Assim, reunindo Antonio Santos uma pleiade de artistas mais ou menos afamados, iniciou este habil emprezario, os seus espectaculos, em 28 de março.

No elenco, figuram, entre outros, os nomes de Carlo Cartica, o applaudido tenor da «Aida», «Huguenotes» e «Trovador». Giuseppe Masin, o consciencioso tenor de meio caracter, os barytonos Borghi, Aldobrandi, e Corradeti, o barytono generico Pini Corsi que fez parte da companhia de S. Carlos onde foi muito apreciado, o baixo Lanzoni, que, egualmente, cantou em S. Carlos, durante duas epocas successivas, sob a gerencia de Freitas Brito, etc.

Os elementos femininos de que Antonio Santos dispõe, na sua companhia são egualmente, de primeira ordem. Assim, fazem parte da companhia os sopranos dramaticos Nadina Bullicioff, Carmen Garci Nuño e Leonilda Gabbi, artistas que teem percorrido os principaes theatros lyricos do mundo e onde teem conquistado fartos applausos; o soprano lyrico Bice-Adami, que chegou a fazer parte do elenco de S. Carlos mas que por motivo de doença, faltou aos seus compromissos, Isabel Svicher, soprano ligeiro de reconhecido merito, Clõe Marchesini, meio soprano que tem revelado dotes artisticos muito apreciaveis, etc.

O repertorio da companhia é extensissimo. Assim, entre outras, temos ouvido esta epoca, as seguintes operas: Aida, Lucia de Lamermoor, Gioconda, Huguenotes, Trovador, Bohème, Barbeiro de Sevilha, Rigoletto, Traviata, Fausto, Dinorah, etc., tendo tido todas ellas, um desempenho muito acceitavel. Antonio Santos prometteu-nos ainda como completa novidade para o Colyseu dos Recreios: *Tosca*, *Manon*, *Lohengrin*, *Norma*, *Elixir de Amor*, *Maestro de Capella*, *Hamlet*, *Lakmé*, *Mignon*, etc.

O publico tem comprehendido o desejo que o emprezario tem em lhe agradar, e, por isso, o Colyseu dos Recreios tem tido enchentes todas as noites.

A CATHEDRAL DA GUARDA

(Monographias — Esbocetos [1]*)*

Pésa sobre alguns dos monumentos nacionaes a mesma injustiça relativa que abrange algumas individualidades — umas valendo pouco conseguem uma evidencia triumphante, outras de notabilissimo valor, quasi perpassam pelas gerações sem se dar pela sua existencia.

Com a formosissima cathedral da cidade da Guarda assim aconteceu; perpassaram cerca de quatro seculos sobre a sua existencia, sem que uma rajada benefica de attenção protectora incidisse sobre ella; só por occasião da invasão franceza no principio do seculo findo é que a devastadora corrente dos successos n'ella deixou evidentes e deploraveis vestigios nos muitos e crueis vandalismos que o macularam no seu brilho e valor primitivos.

Pois se ha monumentos que mereçam os desvelos protectores dos verdadeiros artistas e cultores da archeologia christã, o edificio da Sé Cathedral da Guarda, é um d'elles e dos que mais se impõem pelo seu conjuncto esthetico, pela sua harmonica simplicidade e muito principalmente pela sua admiravel contextura, solida, magestosa e imponente.

Nem os vandalismos dos homens nem as correntes destruidoras dos tempos, conseguiram com a sua nefasta acção, minar-lhe e comprometter-lhe seriamente a sua valentissima estructura, o seu rigido arcaboiço.

Fundos e crueis teem sido os attentados ameaçadores da sua existencia, mas ella soberba na sua grandeza magestosa de soberana, ergue a esbelta, embora maculada fronte, ouzada, erecta e firme, como um rigido protesto, reagindo vencedora contra o formidavel exercito de causas destruidoras.

Parece que na sua vetusta silharia, transpira a ouzadia triumphal d'essa raça de bravos portuguezes, coêvos da sua infancia accidentada — filha dos gloriosos feitos do Mestre d'Aviz e do Santo Condestavel, ella, como a maioria dos edificios da mesma origem e epoca, parece sinthetisar no resistente granito dos seus membros, a suprema fé de esses tempos unida á ouzada galhardia cavalheirosa d'essa epoca de valor inimitavel.

Como arvore secular, gigante, a que tumultuaria e barbaramente se agarraram as destruidoras parasitas, que a estiolam, abafam e matam, ella, a magestosa fabrica, foi invadida por mil miserandas parasitas vandalicas que a assediaram cruelmente por toda a parte, abafando-lhe as linhas puras de belleza primitiva e compromettendo-lhe a contextura esthetica, d'uma fórma assustadora.

Felizmente, parece que uma nova epoca de resurgimento e de justiça bafejou o soberbo monumento, fazendo incidir sobre a sua granitica individualidade uma carinhosa corrente de protecção, que principiou a evidenciar-se ha cerca de trez annos quando por determinação superior foi resolvido a sua restauração.

Os ignobeis casebres que a flanqueavam, foram pouco a pouco derruindo sob o impulso do benemerito camartello demolidor, e o seu soberano izolamento principia a accentuar-se por uma fórma surprehendente, deixando exhibir as linhas harmoniosas das suas esbeltas fachadas.

Os telheiros monstruosos que o vandalismo accommodaticio de alguns bispos collocára sobre os esbeltos arcos-botantes, vão desapparecendo, gradualmente, deixando patentear-se a soberana altivez das suas arrojadas naves; — vão reapparecendo os amplos terraços que durante mais d'um seculo jazeram sepultados sob torpissimas e grotescas coberturas de telha vã; — surgem, como que resuscitam, os graciosos e simples recórtes das linhas de corôamento, e os pináculos, cuspides ou curochéus, levantam-se soberbos, imponentes recortando no horisonte estylisadas piramides de levissima factura; — as gárgulas caprichosas, rudes, ingenuas, simples nos seus typicos contornos, emergem phantasticamente dos pisos dos terraços, coroando os arcos-botantes e communicando por intermedio d'elles com as que corôam as naves e terraços inferiores.

Finalmente, todo o edificio parece respirar uma vida retrospectiva de elegancia ouzada e soberba como se voltára aos tempos antigos.

Muito ainda resta a fazer, ou antes, *a desfazer*, primeiro que se consiga izolar por completo o soberbo edificio, das monstruosas adjuncções com que exteriormente o maculáram, mas se os trabalhos continuarem como até aqui, constantes, embora lentos, é de presumir que dentro de poucos annos a cidade da Guarda se possa, com justiça orgulhar, de apresentar aos forasteiros que a visitem, um exemplar de architectura dos mais raros e soberbos de magestosas linhas, existentes no paiz.

A gravura que hoje se publica, representa parte da fachada *Sul* da Sé Cathedral da Guarda antes de serem iniciados os trabalhos de restauração; em subsequentes artigos serão reproduzidas outras partes do bello edificio bem como varios outros estudos que fiz quando officialmente fui encarregado de elaborar o projecto da sua restauração.

. . . .

Rosendo Carvalheira

[1] Transcripto d'*A Construcção Moderna*.

A ESCHOLA DE ENFERMEIROS

(Apontamentos para a historia do ensino profissional)

Entre as profissões de mais alevantada valia pela cooperação que prestam á sciencia, destacam-se em primeiro logar as dos enfermeiros e pharmaceuticos — os dois profissionaes que acolythando o medico, lhe completam a missão de salvamento e allivio.

A enfermagem constituiu porém sempre em Portugal uma profissão mais caridosa ou mercenaria do que conscienciosa e scientificamente dirigida. Nunca se deu ao enfermeiro o ensinamento variado e complexo que a sua melindrosa profissão exige. Desde que D. Manuel instituiu officialmente o cargo de enfermeiro, até ao presente, viveu esta classe desajudada de todo e qualquer ensinamento scientifico. A rotina e o conselho verbal do medico, nem sempre entendido nem executado, eram os seus unicos directorios profissionaes.

Como incentivo ao seu zelo e dedicação creou, em 1810, o enfermeiro-mór do Hospital de S. José, D. Francisco de Almeida Mello e Castro, um premio pecuniario de 50$000 réis ao enfermeiro que apresentasse maior numero de curas nos doentes a seu cargo.

Em 1886 a intelligente e superior iniciativa de enfermeiro-mór Dr. Thomaz de Carvalho, propunha ao governo a creação de um curso de enfermagem, destinado a ministrar ensino profissional á classe dos enfermeiros dos hospitaes civis, habilitando-os a poder executar, com o desejavel acerto, as prescripções do clinico.

N'este momento, em que outro illustre enfermeiro-mór, dentre as numerosas reformas da sua administração modelo, acaba de renovar esta pratica tão proveitosa, restabelecendo-a de uma fórma que por certo lhe assegurará duração e efficacia, é curioso relembrar as eloquentes e calorosas palavras com que aquelle erudito e eminente academico justificava perante o governo a necessidade e utilidade da nova eschola profissional cuja creação propunha.

E' um serviço que prestamos, dando curso nas columnas d'esta revista a essa representação, primorosa peça litteraria, uma das inestimaveis joias da linguagem que estillavam dos bicos da penna de tão auctorizado, elegante e vernaculo homem de lettras.

Dizia o dr. Thomaz de Carvalho:

«Entre os problemas de que se compõe e complica o problema hospitalar, merece a primeira e superior consideração aquelle que diz respeito ao tratamento dos doentes, não só pelo lado dos facultativos, a quem incumbe prescrevel-o, como da serie dos seus collaboradores, enfermeiros, ajudantes e empregados subalternos, a quem está confiada a applicação dos medicamentos, e dos meios dieteticos, ordenados pelos directores das respectivas enfermarias.»

«Os diplomas das escholas e os concursos abertos para os logares da clinica, dão plena garantia de que aos doentes que nos hospitaes vem procurar o possivel allivio ás suas variadas queixas, serão applicados todos os recursos que a sciencia inspira e a experiencia tenha sufficientemente confirmado.»

«Circumscrevendo a questão unicamente neste ponto, não basta, porém, que o facultativo seja prudente, habil, previsto, instruido e exercitado; todas estas preciosas e singulares qualidades serão infructiferas, se por ventura não fôr sabiamente coadjuvado pelas pessoas que tem de velar junto dos doentes, obedecer ás prescripções, acudir aos accidentes imprevistos, informar das occorrencias; emfim de substituir o facultativo durante a sua ausencia, em tudo o que não depender de uma direcção puramente scientifica.»

«Não é facil, como se presume, este paciente e penoso exercicio. Além da viveza de espirito, e de uma certa e adequada instrucção, exige ainda, uma virtude sobre todas apreciavel, a caridade com os doentes, cuja má fortuna collocou na contingencia de recorrer aos beneficios gratuitos do Hospital.»

«Por isso é que em muitos estabelecimentos d'esta especie existe a instituição dos Internos, empregados intelligentes, com estudos adeantados de medicina, que presidem a todo o curativo, dirigem a applicação do receituario, fiscalizam as dietas, governam o pessoal subalterno, e são capazes de occorrer a qualquer caso inesperado que não seja da simples competencia do enfermeiro.»

«Mas nem sempre as condições das casas hospitalares, e os meios de que dispõem, permittem aquella instituição, que algumas vezes é substituida pelos chefes de clinica, e muitas pelas escholas de enfermeiros, estabelecidas em Inglaterra, nos Estados Unidos, na Suissa e na propria França, onde o internato existe em quasi todos os estabelecimentos nosocomiaes.»

«Os escassos recursos de que dispõe o Hospital de S. José, onde o *deficit* annual tem sido permanente, não consentiram até hoje dar satisfação ás successivas e instantes reclamações dos professores e facultativos que insistem na alta conveniencia e maxima utilidade de resolver por qualquer modo aquelle problema.»

«V. Ex.ª Sr. Ministro, a quem a Beneficencia

Nadina Bulicioff

Isabella Svicher

Leonilda Gabbi

Bice Adami

Carmen Garci-Nuño

Cloé Marchesini

Ferruccio Corradetti

Giuseppe Masin

Carlo Cartica

Giuseppe Borghi

Agostino Lanzoni

Filippe Aldobrandi

Pini Corsi

COLYSEU DOS RECREIOS — COMPANHIA DE OPERA LYRICA

ANTONIO SANTOS
Emprezario do Colyseu dos Recreios

publica deve o mais grato reconhecimento pelo vivo interesse que ella lhe tem merecido, dotou o orçamento dos Hospitaes Civis de Lisboa com um accrescimo de subsidio, que se o não alliviou inteiramente do saldo negativo, lhe permitte agora o debil encargo da proposta que a administração vai ter a honra de levar á consideração de V. Ex.ª, lisongeando-se de que por V. Ex.ª será benevolamente acolhida.»

«Com a immediata creação de uma eschola de enfermeiros, onde possam aprender scientificamente o seu officio todos os que se destinam a essa profissão, haver-se-ha satisfeito a uma das mais urgentes necessidades do serviço hospitalar, respondido ás intimações dos homens de sciencia, cumprido um dever sobremodo humanitario, dando ao mesmo tempo uma posição estavel e honrada a empregados que ambicionam e merecem sahir da inferioridade em que se acham collocados, e dignos por todos os respeitos da superior consideração.»

«A eschola não sómente habilitará profissionaes com a competencia illustrada e precisa para os serviços publicos, mas organizará uma corporação de enfermeiros civis para o tratamento dos doentes particulares, cuja fortuna os isenta dos soccorros da caridade, e que todavia nem sempre encontram serviçaes com os conhecimentos requeridos e a experiencia necessaria, a quem se possam confiar do decurso de uma enfermidade.»

«Um só professor bastará para a regencia d'este curso que deverão frequentar os empregados de ambos os sexos dos Hospitaes Civis, e todos aquelles individuos que nelle se quizerem matricular e instruir. A despesa não será consideravel. Com o ordenado annual de réis 400$000 não haverá difficuldade em encontrar professor habilitado e idoneo que se encarregue de reger proficientemente o curso de enfermeiros.»

«Esta despesa, porém, terá em breve espaço a devida compensação. Será sufficientemente indemnisada com o beneficio que aos doentes ha de resultar da melhor comprehensão do tratamento prescripto pelos facultativos, e da intelligente direcção de todo o curativo. Bastaria esta consideração humanitaria para auctorizar a proposta que a Administração tem a honra de submetter ao recto e alto juizo de V. Ex.ª Mas ainda encarada por outro aspecto a compensação se tornará realmen-te effectiva, visto a providencia tender a encurtar os dias da estada dos enfermos e a abreviar a duração das doenças, e por egual das convalescenças, o

DRS. AUGUSTO DE CASTRO E JOÃO LUCIO
Auctores da peça «Até que emfim»

MAESTRO MANOEL BENJAMIN
Auctor da musica e ensaiador da peça «Até que emfim»

GRUPO DE QUINTANISTAS QUE VEIO A LISBOA TOMAR PARTE NA PEÇA «ATÉ QUE EMFIM» — Vid. *Chronica Occidental*

que tudo importa n'uma economia consideravel da fazenda do Hospital. O orçamento dos estabelecimentos nosocomiaes esta em relação directa, menos com a qualidade dos doentes que recorrem á caridade publica, do que com a demora exagerada n'elles, que, afóra esta circumstancia já deploravel, outras produz de graves e molestas consequencias. Não soffre unicamente o orçamento; padece toda a familia recolhida nas salas, constantemente accumuladas, e onde frequentes vezes grassam epidemias damnosas e mortiferas, resultado previsto de tão nociva e perniciosa accumulação. Este mal que nos edificios expressamente construidos para tratamento de doentes nem sempre chega a ser prevenido e afastado, pode V Ex.ª calcular como surge e se repete com frequencia lamentavel naquelles, que, apesar de todas as modificações racionalmente combinadas, mostram sempre que tiveram um primitivo destino, alheio ao actual, e demandando uma feição opposta áquella para que foram apropriadas. A instrucção dos enfermeiros, tornando mais breve a duração das doenças no Hospital, concorrerá efficazmente para diminuir e attenuar os prejuizos que ficam expostos nas linhas antecedentes.»

«Acabo Ex.mo Sr., de adduzir os principaes argumentos em que se funda a proposta da creação da nova eschola; e agora permitta-me V. Ex.ª ponderar que de nenhuma corporação eu sei que mais favor mereça do Governo do que aquella dos enfermeiros civis, cuja profissão ingrata se exerce longe das alegrias dos homens, nas lugubres e tristes salas de um hospital, entre os gemidos dolorosos dos padecentes, e as roxas e geladas agonias dos moribundos. Existencia digna de compaixão, sublime pela conformidade com que é supportada, e que nunca será de mais encarecida, porque toda se consome e resume no allivio dos males da humanidade. Existencia exposta aos maiores prejuizos, aos mais imminentes riscos, aos mais illimitados e excessivos perigos; na sombra, no silencio de uma enfermaria; sem ao menos uma compensação sufficiente, um estipendio honesto e a segurança do pão para a velhice e para a invalidez.»

«Obedeceu o soldado intrepido; entrou como valente nas campanhas do seu tempo; affrontou as balas do inimigo; cahiu traspassado depois de uma defesa heroica; voltou ferido e sem alentos; mas a patria reserva-lhe um palacio grandioso onde, entre os companheiros das bellicas aventuras, possa alegremente desfiar os derradeiros momentos da existencia.»

«Para estes outros soldados da paz, cuja profissão é cortada de insondaveis perigos, e a vida a cada instante arriscada, concedem as leis apenas uma irrisoria aposentação. V. Ex.ª não ignora a immensa quantidade de doenças contagiosas que são tratadas nos hospitaes; e se nem sempre os facultativos estão ao abrigo de uma possivel infecção, mais sujeitos por todas as razões se acham aquelles benemeritos empregados. Muitos tem sido victimas da sua dedicação n'estas batalhas; muitos se tem inhabilitado para o serviço no constante e penoso exercicio da sua profissão.»

«Para estes infelizes funccionarios chamo toda a attenção e caridade de V. Ex.ª Que ao menos lhes seja conferida a aposentação que requereram; e V. Ex.ª os verá agradecer á Providencia a generosa iniciativa de quem lhes soube assegurar o pão dos ultimos dias.»

«Quando a eschola estiver funccionando e der os proveitos que da sua installação ha direito a esperar, será possivel attender á parcimonia dos vencimentos, e remunerar condignamente aquelles empregados.»

«Em conclusão, Ex.mo Sr., creando a Eschola de Enfermeiros, e concedendo a estes humildes servidores a aposentação que solicitaram presta V. Ex.ª um consideravel serviço á economia dos Hospitaes; presta não menos consideravel serviço á humanidade enferma; satisfaz ás reclamações instantes da sciencia; prepara o melhor futuro da corporação dos enfermeiros civis; e, finalmente, acode com o remedio indicado ás queixas de que se lastimam, praticando ao mesmo tempo um acto de justiça e de caridade. Deus guarde, etc.»

(*Continua*) *Victor Ribeiro*

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

1882

Janeiro. Foi muito diminuta a chuva n'este mez, (5^{mm},5) o menos chuvoso janeiro até 1901. —A temperatura, no emtanto, conservou-se quasi sempre relativamente alta.

Fevereiro. Persistiu o mesmo regimen do mez antecedente com altas pressões, e bom tempo, apenas perturbado com chuvas a partir de 25. (Em 25, 28^{mm},4) Em 24, o thermometro attingiu 20°,1, uma das mais altas temperaturas registadas n'este mez.

Março. Chuvas de 1 a 4, com trovoada em 3, e bom tempo com algum calor, de 4 a 20, data em que foi notada uma pequena depressão, que apenas produziu 4^{mm},3 de agua, em quatro dias.

Abril. Frio e desagradavel começou o mez de abril. Em 4, cahiram 23^{mm},9 de chuva. Alguns dias de calor e bom tempo de 6 a 12, seguidos de chuva até 14. Durante o resto do mez, tempo proprio da estação.

Maio. Algumas chuvas importantes cahiram, de 2 a 7, com temperatura baixa. A partir de 8, porém, accentuou-se o calor, mas não demasiado, que persistiu até 15, data em que de novo o tempo se tornou brusco, com chuvas de 17 a 26, e trovoada em 23.

Junho. Pequenas chuvas até 4, e em 18. Durante o resto do mez, persistiu o bom tempo com alguma elevação de temperatura, não demasiada.

Julho. Como facto anormal n'este mez, foram notados dois periodos chuvosos; um de 6 a 9, e outro em 14 e 15, que produziram no pluriometro 17^{mm},2, altura maxima attingida n'este mez. Calor notavel a partir de 27.

Agosto. Muito quente todo o mez, á excepção dos dias 4 a 14, em que se manifestaram temperaturas um pouco baixas e improprias da estação.

Setembro. Mez perfeitamente outomnal, com desenove dias, em que a temperatura desceu abaixo de 15°, e não subiu alem de 20°. Chuvas pouco frequentes.

Outubro. Temperatura elevada nos primeiros dias do mez (Max: em 4, 27°,1). Periodo chuvoso de 4 a 16. (Em 12, 16^{mm},3). Bom tempo em 17, mas novamente a chuva se manifestou a partir de 19, com temperatura normal. (Em 19, 36^{mm},5).

Novembro. Tempo explendido e muito fresco, em quasi todo o mez, excepto em 12 e 13 dias em que alturas pluviometricas foram respectivamente eguaes a 15^{mm},1 e 14^{mm},2.

Dezembro. Fizeram-se sentir em todo o mez, as chuvas e trovoadas, com grande violencia as quaes se mantiveram até 22. O bom tempo começou n'esta data, com abaixamento da columna thermometrica (Em 26, max.: 6°,8). Subitamente, em 28, a temperatura elevou-se, attingindo, em 31, 18°,4, uma das mais altas, conhecidas n'este mez.

1883

Janeiro. Chuvas violentas foram registadas, em toda a primeira quinzena do mez, com trovoada em 8. As mais fortes foram: em 8, 31^{mm},4, em 10, 16^{mm},8 e em 11, 31^{mm},2. A segunda quinzena debutou com bom tempo o qual se manteve durante o resto mez, apenas perturbado por algumas chuvas em 23, 25 e 26, e chuva abundante em 30, com grande diminuição de pressão.

Fevereiro. Até 24 foi notado um tempo muito irregular, com chuvas quasi que constantes. A partir d'este dia, porém, e até ao fim do mez, registaram-se temperaturas relativamente elevadas, com um maximo de 21°,5 em 26. De 23 a 28, o thermometro accusou sempre temperaturas superiores a 18°.

Março. De bom tempo, apenas perturbado por alguns chuviscos, de 1 a 13. Durante este periodo, a temperatura conservou-se moderada até 7, tornando-se frigidissimo o tempo desde este dia até 13. As chuvas foram intensas a partir d'este dia, com grande trovoada em 17. Eis os dias da maior chuva: em 17, 16^{mm},6, em 20, 27^{mm},4, em 23, 35^{mm},5, em 24, 15^{mm},0 e em 30, 28^{mm},5.

Abril. De temperatura normal e atmosphera clara, toda a primeira quinzena de abril, e bastante frio, o resto do mez, improprio um pouco da epoca. A partir de 24, notou-se um periodo bastante chuvoso (em 25, 24^{mm},5), que se prolongou pelo resto do mez.

Maio. Continuou o regimen chuvoso iniciado em abril, até 10, com trovoadas e continuação de temperaturas anormaes. Até 12, o thermometro desceu sempre abaixo de 10°, o que, n'este mez, é bastante anormal. Tempo seguro, mas fresco, foi observado de 11 a 13, ao qual, do novo, se seguiu um periodo de chuvas consideraveis. (Em 16, 35^{mm},0).

Junho. Temperatura verdadeiramente excepcional em todo o mez, visto que a maxima thermometrica não excedeu 27°,5 uma das menores, notadas n'este mez. Durante o mez, notaram-se 7 dias chuvosos (de 2 a 7 e em 28), os quaes produsiram no pluriometro 12^{mm},0. Uma pequena trovoada foi observada em 3.

Julho. O calor, n'este mez, mostrou-se com um pouco mais de intensidade do que no mez antecedente, embora não se tornasse excessivo, visto que só, em dois dias, as maximas attingiram um nivel superior a 30°. Durante onze dias quasi que consecutivos, accusaram-se minimos inferiores a 15°, temperatura realmente suave para este mez.

Agosto. Persistiu a suavidade da temperatura, chegando o nivel thermometrico a descer até 12°,7, temperatura sem precedentes, n'este mez. Foi este, se exceptuarmos o anno de 1880, o mez de agosto mais suave de todos aquelles que aqui analysamos.

Setembro. A temperatura durante o mez, foi normal. Algumas chuvas, com trovoadas cahiram sobre a capital, mas, em geral, com pouca intensidade.

Outubro. Notavel pela sua extrema seccura (19^{mm},5 de agua). Foi um dos outubros mais seccos de que se tem conhecimento em Lisboa.

(Continua.)

Antonio A. O. Machado.

METEOROLOGIA

Abril de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
21	767,9	17,0-12,2	Nublado	S	0,0
22	763,7	16,2-12,3	Encob.	SSW	0,8
23	761,3	16,9-11,4	Nublado	NW	5,9
24	763,0	16,3-10,2	»	SE	0,0
25	756,6	17,3-13,1	»	SW	9,9
26	752,8	15,2-12,5	»	SSW	3,2
27	747,2	16,9-11,7	»	SW	13,1
28	756,2	16,2-12,1	»	WSW	7,4
29	766,0	17,4-12,5	»	WNW	0,0
30	768,5	17,6-11,6	P. Nublado	NW	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Persistiram as chuvas durante a ultima dezena de Abril, tornando-se abundantes em alguns postos do reino, sobretudo no Porto, onde, em 26, o pluviometro accusou 63^{mm} e em 27, se registaram 57^{mm}. Na Serra da Estrella em 28, o pluviometro attingiu 26^{mm} e em Coimbra 30^{mm},7. O vento predominante foi geralmente o do SW, tendo a pressão atmospherica accusado em Lisboa, em 27, um minimo de 747^{mm},2.

Temperatura proxima da normal, em todo o reino durante a dezena.

Bom tempo, em 30, com tendencias para calor.

O FRASCO DE PRATA

POR

Eugène Berthoud

(Continuado do numero antecedente)

— O sr. Conde.

— Eu, confirmou Octavio.

Lord Weymouth caminhava de surpreza em surpreza.

— Expliquem-me, porém... gaguejou.

— Por emquanto, nada, disse Emma. Mas escutem, continuou apurando o ouvido.

Era o rodar d'uma carruagem. Foi se approximando. Já se ouvia o tinir das guizeiras e o estallar do chicote; o barulho sacudiu as ruas silenciosas de Neuilly; porfim o portão de ferro abriu se com estrondo e uma carruagem de posta entrou no pateo.

— Meu amigo, disse Lady Weymouth, quando ha pouco entrei aqui, trazia-lhe uma boa nova. Era a chegada d'uma pessoa que por mais d'um motivo estimo muito e que lhe queria apresentar.

— Mas, disse o inglez cheio de indignação, parece-me o instante mal escolhido...

— Pelo contrario; esta sr.ª não podia chegar mais a proposito. Já vai ver.

— Retiro-me, disse Octavio.

— Não, sr. Conde, a sua presença é aqui necessaria; tem de ficar.

— Mas!... exclamaram os dois homens ao mesmo tempo.

— Nem mais palavra, meus srs.! Estão prisioneiros sob palavra. Mas como a sua presença talvez impedisse essa pessoa de me fazer certas confidencias importantissimas, queiram ter a bondade de entrar n'aquella sala d'onde não sairão senão quando os eu chamar.

— E' má zombaria, disse Lord Weymouth e..

— Silencio! Ella ahi vem!... Depressa!... Entrem. Se querem distrahir-se concedo-lhes que oiçam o que vamos dizer. Talvez o achem instructivo, se são certas as minhas conjecturas.

E Lady Weymouth, sempre a rir, empurrou para a outra sala os dois homens embasbacados.

Mal corrêra sobre elles o reposteiro, abriu se a porta com estrondo.

IV

CONCLUSÃO

— Emma! exclamou uma lindissima voz de mulher.

— Henriqueta! disse por sua vez Lady Weymouth.

E uma chuva de beijos entrecortada por exclamações de alegria veio cantar aos ouvidos do inglez e do Conde, perdidos n'uma meia escuridão.

Ao ouvir aquelle nome — Henriqueta — Lord Weymouth deixou escapar uma exclamação logo reprimida e atirou-se para cima d'um divan a rir quanto podia.

Octavio contemplava-o estupefacto.

Depois de muita vez o haver interrogado não lhe arrancando mais do que exclamações: — Percebo! agora percebo tudo! — o Conde resolveu caminhar na ponta dos pés e, afastando um canto da cortina, olhou.

Comparem duas violetas muito frescas, nascidas á mesma hora, dois flocos de neve errando no espaço, duas gotas de tremulo cristal depois da chuva sobre uma folha de rosa, e fraca idéa ainda poderão ter da parecença nunca vista d'aquellas duas mulheres.

Eram sem duvida irmãs gemeas. Não fôram os vestidos, não haveria maneira de as differençar.

Apenas para um observador a recem-chegada tinha talvez maior ternura no olhar, mais graça no abandono de suas maneiras, mais suavidade no gesto.

Estava de luto pesado, o que mais fazia sobresahir a deslumbrante brancura de seu rosto. Chapéo e chaile, que tirára ao entrar, deixavam sem defeza que os olhos ardentes de Octavio lhe admirassem a elegancia do porte, o rosto delicioso e a profusão de tranças magnificas que se confundiam com as da irmã ajoelhada a seus pés e ternamente abraçando-a.

Emfim, sob o labio inferior o Conde reconheceu o signalzinho negro encantador, aninhado n'uma covinha, ali collocado como graça provocadora.

As encantadôras mulheres formavam um grupo adoravel. Falavam a meia voz e aquelle murmurio de vozes vibrava no coração de Octavio como voluptuosa harmonia.

Para elle havia uma enorme differença entre as duas irmãs; a si mesmo perguntava como pudera enganar-se, um minuto que fosse. Sentindo seu peito vibrar á menor palavra de Henriqueta, considerava-se estupido por havel-a confundido com a fria e severa Lady Weymouth.

De repente, Emma, como de proposito levantou a voz.

Lord Weymouth, cujo riso emfim socegára, veio muito devagarinho encostar-se ao hombro do Conde e ambos se puzeram a escutar attentamente.

— E teu marido? perguntou Henriqueta.

— Não tarda ahi... Agora tem que fazer... por ordem superior.

— O superior aqui és tu.

— Naturalmente.

— Sempre morrendo por ti, o Jorge?

— Assim, assim, lá a seu modo.

— Pois haverá muitas maneiras de amar?

— Jorge tem lá a sua, que disfarça. Suspeitoso, ciumento, muito calado...

— Comprimente, disse Octavio a Lord Weymouth.

— Entretanto, disse Henriqueta rindo, o modelo dos esposos. Sabes que ha já quatro annos que elle é meu cunhado!

— Ai de mim! suspirou a maliciosa Lady com um sorriso comico.

— Má! Estou morta por conhecel-o. Quando casaste, já eu estava na India com o meu marido e, ha dois annos, quando foi da minha ultima viagem, andava o Jorge em missão não sei por onde... em Hespanha, creio eu. Já foi infelicidade.

— De que vais desforrar-te Mas a proposito de tua ultima viagem, tenho de ralhar comtigo.

— Comigo!

— Sim, comtigo, que assopraste medonhos temporaes cá em casa.

— Mas como! Não me sabia senhora de tão rijos pulmões.

— Levando por engano o meu frasquinho de prata. Lord Weymouth julgou que eu o tinha perdido e fez ahi um escandalo...

— E' verdade, dei por isso no caminho. Mas bem sabes a pressa com que parti. Meu marido esperava-me em Marselha onde deviamos embarcar...

— Bem te quiz eu demorar ainda alguns dias; resististe a todas as minhas supplicas. O dever, o affecto, e obrigação...

— O sr. de Verny era tão bom, tão indulgente para comigo...

— O sr. de Verny! exclamou Octavio. O meu velho primo de Pondichéry! o nababo!... Ah! desgraçado! e eu que não quiz casar-lhe com a viuva!

— Bem! Está servido! replicou fleugmaticamente Lord Weymouth.

— Ah! dizia Henriqueta, nunca de sua perda me hei de consolar! Doce, espirituoso velhinho! Para mim foi um pae, um amigo, um protector... ainda melhor... um confidente.

— O que não te impediu de o fazeres esperar quinze dias na Cannebière. .

Madame de Verny olhou para a irmã muito assustada.

— Emquanto tu, irmãsinha, respiravas o ar embalsamado de Fontainebleau. Tambem lhe confiaste essa historia?

— Pois quem te disse...

— O meu frasco. Acharam-o na *Aguia d'Oiro* ou o deixaste, ingrato, e elle para vingar se, contou-as boas e bonitas!

— Seriamente, como sabes...

— Tudo se sabe. E teu lindo doente como vai?

Henriqueta fez-se como uma papoila e atrapalhou se com a maior evidencia.

— O meu doente?

— Sim, o sr. Conde de... de ..? Dize como é, tenho o nome debaixo da lingua.

— Mas, Emma, não sei de que falas!

— Fingida!... Mas não tenhas medo; nenhum indifferente nos ouve.

— Asseguro-te que...

— E as noites que lhe passaste á cabeceira, tambem as esqueceste? Que linda irmã da caridade!

— Agora isso só por milagre ..! exclamou Henriqueta afflictissima. Como sabes o que ninguem n'este mundo...

— O frasco, o meu frasco sempre... Porque has de córar? era caridade christã... ou então não sei o que seria.

— Nã ralhes comigo, Emma, porque terias feito o mesmo.

— Deus me livre! E o tigre do meu marido que no dia seguinte arrasaria Fontainebleau! É d'uma ferocidade insupportavel!

— Cumprimenta, disse Octavo a Lord Weymouth.

— Põe-te em meu logar. Em Fontainebleau sinto-me incommodada, apeio-me e peço um quarto para lá passar a noite. Andava na hespedaria toda a gente no ar; informo me e dizem-me que um pobre rapaz está para ali, ferido, quasi a morrer... Diz-me até o nome d'elle: Octavio de Soubran.

— Agora já te lembras!

— Pois se elle é meu primo!

— Teu primo!

— Ou primo de meu marido, o que vem a dar na mesma. Muita vez o sr. de Verny me fallou d'elle como de seu mais pvoximo parente, mas em termos taes...

— O quê! O Conde de Soubran...

— Parece que é jogador, libertino, prodigo...

— Queres dizer, a essencia de todos os vicios? disse Lady Weymouth.

— Cumprimenta! disse o inglez a Octavio.

— É ir muito longe, disse Henriqueta já de máo humor. Primeiro, por causa da conveniencia, não me atrevia a ir vel-o; mas, a meio da noite ao lembrar-me que aquelle pobre rapaz estava ali ao meu lado, a morrer, sem amigos, sem familia, sem criados que o tratassem, e que era, aliás, meu parente, e que seria vergonha que gente extranha recolhesse seu ultimo suspiro, peguei na vela, appelei para o meu animo, e fui bater á porta do quarto que ficava fronteiro ao meu. Ninguem me respondeu. Mas eu tinha ouvido falar. Abri e entrei... Ah! minha querida irmã, que espectaculo! Estava ali, branco como o lençol, a agitar-se n'um somno horrivel, dizendo palavras sem nexo. Ao lado d'elle, uma criada ressonava que parecia que vinha a casa abaixo... Quando me approximei... abriu os olhos...

— Que os tem bonitos, interrompeu gravemente Lady Weymouth.

— Não tem? disse vivamente Henriqueta.

— Depois, atrapalhada:

— Pois conhecel-o?

— Continua, irmãsinha. Não calculas como a tua historia me interessa.

E deitou um olhar furtivo e malicioso para o reposteiro de velludo que se agitava perigosamente.

Henriqueta continuou:

— Estava n'um delirio medonho, porque me tomou por uma apparição, pela alma da mãe, chamando-me com uma voz tão doce, tão doce, que se me encheram os olhos de lagrimas. Falou-me muito tempo e eu respondia-lhe favorecendo-lhe o sonho. Parece que lhe fez bem. Dei-lhe o remedio a beber e elle adormeceu mais socegado, segurando-me nas mãos. Quando amanheceu fugi.

— Pois tanto tempo te teve elle as mãos seguras?

Henriqueta sorriu-se encantadoramente.

Octavio quiz ir ter com ella. Foi preciso que Lord Weymouth o segurasse.

— Onde diabo vai?

— Deixe me! já me não sustenho... quero cahir-lhe aos pés!

— Isso é que nunca! Só quando nos chamarem.

— E no dia seguinte? perguntou Emma á irmã.

— No dia seguinte não parti.

— Nem ainda nos outros dias?

— Elle ia melhorando, e eu, não sei porquê, attribuia as suas melhoras aos meus cuidados.

— Era natural, murmurou Emma. E, quando de todo voltou a si, continuou a tomar-te pela mãe?

Madame de Verny abaixou os olhos.

— Não. Falou-me com uma ternura, um fogo tal..·

— Que achaste prudente não mais ires ter com elle.

— Estava salvo... parti.

— Sem lhe dizeres o teu nome?

— Para quê? Nunca mais nos haviamos de vêr. Fui ter com meu marido.

— E como o sr. de Verny era teu confidente, logo lhe foste dizer...

— Não o digas brincando. Pois é verdade, contei-lhe tudo; repito-te que elle era para mim um verdadeiro pae... Approvou quanto eu havia feito. Fez-me comprehender apenas que me podia ter compromettido visitando o Conde em segredo e que tinha sido melhor ostensivamente ter-me sentado á sua cabeceira.

— Deixal-o. Em teu lugar tinha pena de me haver assim interessado por um valdevinos...

— Valdevinos! Isso agora é demais!

— Se o retrato que ainda agora fizeste se parece...

— Foi exagerado. Meu marido reconhecia no primo um grande coração e uma nobre intelligencia.

— Mas prodigo, jogador, libertino...

— Mas Emma, disse Henriqueta já impaciente, pois ha rapaz sem esses defeitos? E a prova de quanto meu marido estimava o Conde foi tel-o feito herdeiro de toda a sua riqueza.

— Misericordia! que dizes tu?

— Com a condicção unica de casar comigo.

Lady Weymouth soltou um grito de espanto e de horror e ergueu as mãos ao céo.

— Mas isso vai alem de quanto possa crer-se! Quem suggeriu a teu marido essa idéa mirabolesca?

Henriqueta muito córada, beijou a irmã.

— Ai! ai! disse Emma, pois levaste as confidencias até confessar-lhe...

— Não, disse vivamente Henriqueta; mas creio...

— Crês...

— Que aquelle coração nobilissimo... adivinhou .

— Que tu gostavas do Conde.

Madame de Verny não respondeu, mas sorriu-se.

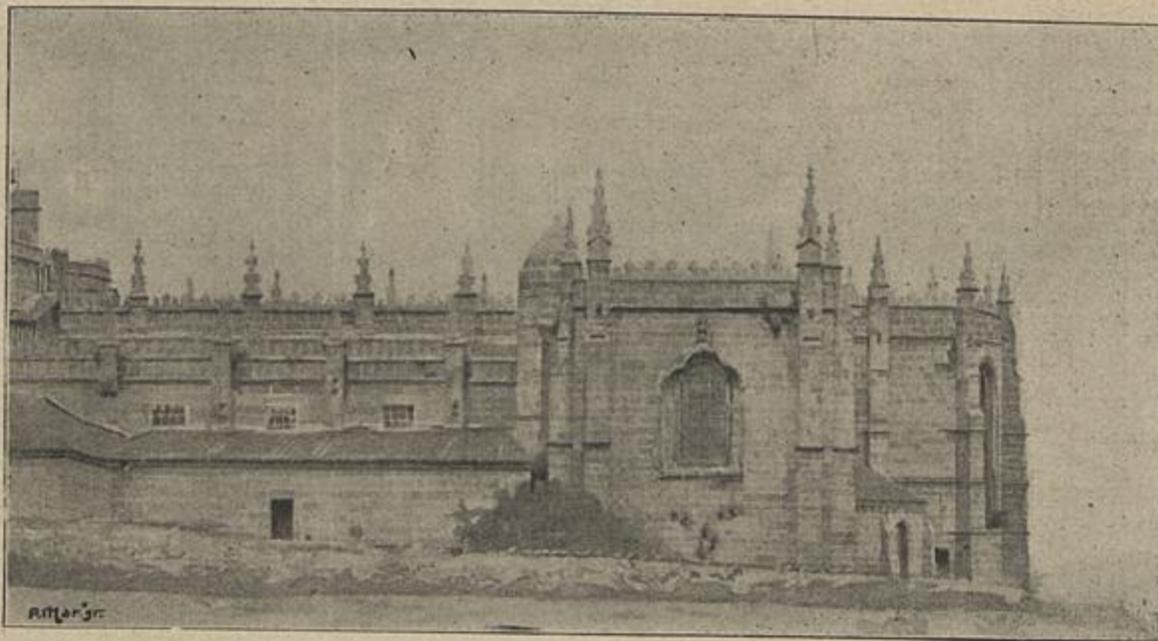
Octavio empurrou violentamente Lord Weymouth e cahiu como um doido aos pés de Henriqueta.

— Desgraçado! suspirou o inglez, seguindo com ar consternado. Nem sequer poz uma gravata!

A felicidade fizera com que novamente Lord Weymouth voltasse ao sentimento das conveniencias.

Octavio cobria de beijos delirantes as mãosinhas brancas que lhe abandonavam.

— Elle!... aqui!... murmurava com voz debil Henriqueta quasi a desmaiar.

E madame de Verny, pallida e tremula, volveu para a irmã os olhos, docemente reprehensiva.

CATHEDRAL DA CIDADE DA GUARDA — A FACHADA SUL

Mas Emma não deu por aquelle olhar. Estava nos braços do marido, que murmurava, doido de alegria:

— Perdoas-me as minhas suspeitas?

— Ah! replicou Emma, estive para pagal-as caro... Não tenho animo para te não perdoar. Se esta manhã não houvesse descarregado as tuas pistolas...

— Pois foste tu!

Emma levou o dedo aos labios.

— Querida irmã, disse em voz alta, deixa-me apresentar-te Lord Weymouth, teu cunhado. Quanto ao sr. Conde de Soubran vejo que soube agradavelmente apresentar-se a si mesmo.

Octavio levantou-se bastante atrapalhado e Madame de Verny approximou-se affectuosamente de Lord Weymouth, que lhe disse a sorrir:

— Querida irmã, é como as andorinhas, trouxe-nos a primavera. Mas como pagar-lhe toda a ventura que lhe devo?

— Que quer dizer?

— É um segredo que este meu amigo lhe explicará, quando lhe houver concedido a sua linda mão.

— A minha mão! murmurou maliciosamente Henriqueta. O sr. Conde já a recusou formalmente e meu cunhado não pense decerto que hei de casar com elle á força.

E mostrou a carta que Octavio escrevêra na ante vespera ao procurador.

— Ai, minha sr.ª exclamou o Conde; sabe que ignorava...

— Sou testemunha, disse Lord Weymouth. Case, case, querida irmã! Diabo! Um homem que recusou uma viuva archi-millionaria porque cuidava gostar d'outra mulher, não as encontra a gente todos os dias!

— E depois, accrescentou tambem Emma, salvaste-lhe a vida, não o deixes agora morrer de desgosto.

Madame de Verny olhou para Octavio. O rapaz era presa da maior anciedade.

— Vamos! disse ella; se se põem todos contra mim...

E estendeu a mão ao Conde, que doido de alegria, a levou aos labios ardentes.

Lord Weymouth pegou-lhe no braço e levou-o para um canto.

— Pelo visto, murmurou-lhe elle ao ouvido, parece que já não é hoje que nos matamos.

— Lá isso não! Nem hoje nem nunca! Começo agora a viver, quem pensa na morte? Os tres votos d'esta manhã trouxeram-me felicidade.

— Que votos?

— Depois lhe contarei, porque nunca mais nos deixaremos, não é verdade? Que intimidade vai ser, que encanto! os de nós quatro!

— Lá isso não! disse resolutamente Lord Weymouth. Eu cá volto para Inglaterra.

E comsigo mesmo accrescentou:

— São muito parecidas. Não haja um dia algum engano.

— De que depende a felicidade! suspirou Emma philosophicamente! Para afastal-a do caminho em que vai basta um grãosinho de areia debaixo da roda.

— Ou um signalzinho preto ao canto d'uma bocca! pensou o Conde.

FIM